



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
INSTITUTO DE CULTURA E ARTE
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL
CURSO DE BACHARELADO EM COMUNICAÇÃO SOCIAL - PUBLICIDADE E
PROPAGANDA**

GABRIEL ERICSON DA SILVA PAIVA

FOTOLIVRO “E.L.A”: CORPO, MEMÓRIAS E LEMBRANÇAS
NO PROCESSO DE FORMAÇÃO SOBRE UMA NARRATIVA DE SI

FORTALEZA

2022

GABRIEL ERICSON DA SILVA PAIVA

FOTOLIVRO “E.L.A”: CORPO, MEMÓRIAS E LEMBRANÇAS
NO PROCESSO DE FORMAÇÃO SOBRE UMA NARRATIVA DE SI

Projeto Experimental apresentado ao Curso de Comunicação Social - Publicidade Propaganda do Instituto de Cultura e Arte da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Comunicação Social - Publicidade e Propaganda.

Orientador: Prof. Me. Fernando Luis Maia da Cunha.

Fortaleza

2022

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Sistema de Bibliotecas

Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

P168f Paiva, Gabriel Ericson.
Fotolivro "E.L.A": : corpo, memórias e lembranças no processo de formação sobre uma narrativa de si / Gabriel Ericson Paiva. – 2022.
53 f. : il. color.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Universidade Federal do Ceará, Instituto de Cultura e Arte, Curso de Comunicação Social (Publicidade e Propaganda), Fortaleza, 2022.
Orientação: Prof. Me. Fernando Luis Maia da Cunha .

1. Fotolivro. 2. Memória. 3. Identidade. 4. Narrativa Familiar. 5. Esquecimento. I. Título.

CDD 070.5

GABRIEL ERICSON DA SILVA PAIVA

FOTOLIVRO “E.L.A”:
CORPO, MEMÓRIAS E LEMBRANÇAS
NO PROCESSO DE FORMAÇÃO SOBRE UMA NARRATIVA DE SI

Projeto Experimental apresentado ao Curso de Comunicação Social - Publicidade Propaganda do Instituto de Cultura e Arte da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Comunicação Social - Publicidade e Propaganda.

Orientador: Prof. Me. Fernando Luis Maia da Cunha.

Aprovada em: ___/___/_____.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Me. Fernando Luis Maia da Cunha (Orientador)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Dr. Aluísio Ferreira de Lima
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Profa. Dra. Marta Sorelia Felix de Castro

Universidade Federal do Ceará (UFC)

AGRADECIMENTOS

Dedico este trabalho a todos os familiares que não apenas conviveram com a Dona Zilda, minha avó, mas que abriram as portas das suas casas e mexeram em suas gavetas para buscar registros fotográficos e me auxiliar neste projeto experimental. Principalmente a Graça, que após anos se permitiu reviver a história da minha avó. Mãe, este projeto foi por você e para você! Espero que quando a saudade apertar, você consiga folhear as páginas deste fotolivro e possa sempre encontrar a Dona Zilda.

Ao Prof. Fernando Maia, por seu acolhimento em momentos tão sensíveis. Quando trazia a devastação e caos para as nossas orientações, você me proporcionava calma. Sua empatia e compreensão são de profunda admiração. Obrigado por me ajudar a contar a minha história.

A Jéssica, minha irmã, por todo o seu auxílio. Enquanto presenciava um turbilhão de responsabilidades a serem cumpridas, você era a pessoa que eu sabia que podia recorrer. Não tenho palavras para descrever o seu apoio durante a fase final deste projeto. Obrigado.

À todas as pessoas que se disponibilizaram em escutar sobre este projeto. Vocês me fizeram chegar até aqui. Se eu consigo compartilhar sobre este projeto, a história da minha avó, sem um nó na garganta, foi pelas diversas partilhas emocionadas junto a vocês.

A mim mesmo, por ter coragem de abrir a minha caixa, depois de anos, e passar pelo processo terapêutico pela partida da minha avó. Obrigado por tentar manter o equilíbrio e vivenciar um dia de cada vez. Gabriel, você conseguiu.

E a você Dona Zilda, minha querida avó. Durante todas as vezes que estava desenvolvendo este projeto, não havia um dia sequer que não chorava. Nunca era de tristeza, era apenas de saudade. Que falta eu sinto a sua. Foi com você que aprendi a valorizar as coisas simples da vida, a acreditar na transformação através da educação e a simplesmente a viver. Vó, estou aqui para realizar o nosso sonho: ser mais um Silva formando na federal.

“One day, you’ll leave this world behind
So live a life you will remember”

RESUMO

O seguinte projeto, busca apresentar a história de uma matriarca familiar descaracterizada pela E.L.A (Esclerose Lateral Amiotrófica), uma doença rara e degenerativa, através de memórias e fotografias. O trabalho surge a partir da imersão pessoal do autor junto ao estudo da fotografia enquanto linguagem que documenta e desperta o lugar da memória. A fim de identificar e construir uma narrativa, membros da família são consultados como fonte acompanhado simultaneamente de um processo experimental para a geração da obra. Através dos conhecimentos adquiridos com fotografia e audiovisual ao longo da graduação em Comunicação Social e abordando conceitos como memória, família e fotografia, o trabalho relaciona o passado, em paralelo, como o autor encara e identifica-se no presente. Por último, o resultado final narra por meio de um fotolivro a historiografia da portadora de E.L.A, Dona Zilda.

Palavras-chaves: Fotolivro. Memória. Identidade. Narrativa Familiar. Esquecimento.

ABSTRACT

The following project aims to present the story of a family matriarch mischaracterized by ALS (Amyotrophic Lateral Sclerosis), a rare and degenerative disease, through memories and photographs. The work arises from the author's personal immersion in the study of photography as a language that documents and awakens the place of memory. In order to identify and build a narrative, family members are consulted as a source, accompanied simultaneously by an experimental process for the generation of the work. Through the knowledge acquired with photography and audiovisual throughout the graduation in Social Communication and approaching concepts such as memory, family and photography, the work relates the past, in parallel, how the author faces and identifies himself in the present. Finally, the final result narrates, through a photobook, the historiography of the ALS sufferer, Dona Zilda.

Keywords: Photobook. Memory. Identity. Family Narrative. Forgetfulness.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Registros fotográficos encontrados na residência da Dona Zilda.....	19
Figura 2 - Prancheta 1 do ensaio fotográfico experimental.....	20
Figura 3 - Prancheta 2 do ensaio fotográfico experimental.....	21
Figura 4 - Prancheta 3 do ensaio fotográfico experimental.....	21
Figura 5 - Prancheta 1 do ensaio fotográfico experimental.....	22
Figura 6 - Estrutura de mapa mental na plataforma Miro.....	23
Figura 7 - Orientação virtual com o Fernando Maia.....	24
Figura 8 - Registros fotográficos da internação da Dona Zilda.....	25
Figura 9 - Registros fotográficos da Dona Zilda.....	26
Figura 10 - Auto retratos e momentos com as netas da Dona Zilda.....	26
Figura 11 - Aniversário da Dona Zilda.....	27
Figura 12 - Deslocamento à residência da Tia Kaká.....	28
Figura 13 - Carta escrita digitalmente para a Dona Zilda.....	29
Figura 14 - <i>Print screen</i> da conversa de Whatsapp com a Tia Lourdinha.....	30
Figura 15 - Registros fotográficos encontrados na residência da Tia Kaká.....	30
Figura 16 - Carta escrita digitalmente para a Dona Zilda.....	31
Figura 17 - Registros encontrados pela Graça, a minha mãe.....	32
Figura 18 - <i>Print screen</i> do canal do Luciano Tranca Rua no Youtube.....	33
Figura 19 - <i>Print screen</i> do vídeo Festa de Cosme e Damião no Youtube do Luciano Tranca Rua.....	34
Figura 20 - Árvore genealógica construída com o apoio da Graça, minha mãe.....	35
Figura 21 - Estrutura de arquivos e registros fotográficos no Miro.....	36
Figura 22 - Processo de fotocópia dos registros fotográficos.....	36
Figura 23 - Caixa de sapato encontrada nas gavetas do quarto da Dona Zilda.....	37
Figura 24 - Arquivos e artefatos encontrados na caixa de sapatos de Dona Zilda.....	38
Figura 25 - Registros fotográficos encontradas na caixa de sapatos de Dona Zilda.....	39
Figura 26 - Registros fotográficos encontradas na caixa de sapatos de Dona Zilda.....	40
Figura 27 - <i>Print screen</i> da montagem da primeira versão do fotolivro.....	41
Figura 28 - Ensaio fotográfico em busca de texturas na casa da Dona Zilda.....	42
Figura 29 - <i>Print screen</i> da plataforma de conversão de arquivos.....	43
Figura 30 - <i>Print screen</i> da curadoria e montagem no Illustrator.....	44

Figura 31 - Processo de retirada dos rebocos das paredes da casa da Dona Zilda.....	44
Figura 32 - Processo de fotocópia das paredes da casa da Dona Zilda.....	45
Figura 33 - 2ª versão da montagem do fotolivro	45
Figura 34 - Última versão da montagem do fotolivro	47
Figura 35 - Foto referência para a compra do tecido, à direita, comprado para o projeto	48
Figura 36 - Fotolivro impresso e finalizado manualmente	49

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

TCC	Trabalho de Conclusão de curso
ELA	Esclerose Lateral Amiotrófica
UTI	Unidade de Terapia Intensiva

SUMÁRIO

1.	INTRODUÇÃO.....	13
2.	QUEM FOI ELA?.....	15
3.	METODOLOGIA.....	16
3.1.	Ateliê fotográfico.....	16
3.2.	Arquivos fotográficos.....	23
3.3.	Youtube e árvore genealógica.....	33
3.4.	Digitalização e imprevistos.....	36
4.	CONSTRUÇÃO DO FOTOLIVRO.....	41
5.	CONCLUSÃO.....	50
6.	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	51

1. INTRODUÇÃO

Janeiro de 2022. O desenvolvimento deste projeto experimental iniciou-se durante a disciplina de Epistemologia e Metodologia Científica à Comunicação¹ com a Helena Martins². Logo nas primeiras aulas, tive a ciência que seria necessário encontrar uma temática para um pré-projeto de TCC (Trabalho de Conclusão de Curso) e que não seria fácil. Como qualquer outro estudante entrando em seu ciclo de finalização de graduação, havia chegado o meu momento de depositar expectativas em uma pesquisa que não apenas fosse relevante, mas que houvesse uma identificação pessoal mínima.

A cada encontro, uma pressão psicológica em crescência se apresentava, pois o semestre estava acabando, e aparentemente todos os estudantes estavam encontrando suas respectivas temáticas e simplesmente nenhuma ideia transitava pelo meu córtex central. Foram momentos de muita angústia e sentimento de incapacidade. Mas de uma forma inesperada, experimentei o fenômeno *insight*, quando dois ou mais repertórios diferentes se interconectam para a resolução súbita de um problema (LEONARDI *et al.*, 2011).

Durante aquela época, estava iniciando a possibilidade de transição gradual entre um *lockdown* e a flexibilização de utilização de espaços abertos, por conta da pandemia provocada pelo vírus SARS-CoV-2, conhecido como Covid-19 (OPAS, 2020). Depois de quase dois anos de enclausuramento, a liberdade era uma necessidade latente e o único sentimento a ser recuperado. Ou seja, na primeira oportunidade, estava em frente a uma sequência de abas abertas no *browser*, tentando encontrar a liberdade através de uma solução: viajando.

O destino escolhido era Belém, no Pará. Além de poder reencontrar parentes, seria a oportunidade de visitar algumas localidades que poderiam proporcionar a tranquilidade. Como havia o fato dessa viagem possuir uma série de restrições e cuidados por conta desse momento pandêmico, precisei ser pragmático e planejar as rotas e detalhes para garantir o melhor bem-estar para aqueles que estariam comigo.

Durante um desses planejamentos, na madrugada do dia 30 de janeiro, pesquisando sobre conteúdos turísticos da região e mapeando os passos que seriam seguidos

¹ Disciplina ofertada durante o 6º semestre do curso de Comunicação Social - Publicidade e Propaganda na Universidade Federal do Ceará (UFC).

² Docente do curso de Comunicação Social - Publicidade e Propaganda. Doutora em Comunicação Social pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação pela Universidade de Brasília (UnB). Mestre em Comunicação pelo programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Ceará (UFC).

no Google Maps, adentrei em um estado de devaneio, o *insight* sobre uma implicitude, 1500 quilômetros não era apenas a distância que seria percorrida até o Estado do Pará, era a representação, outrora, de intensas movimentações entres as regiões que construíram a minha estrutura base familiar.

Nesse momento, os pensamentos tornaram-se demasiados, comecei a divagar e a questionar sobre as histórias que permeiam a minha própria narrativa familiar. Estava tentando acessar a minha memória, que é “encarada como capacidade de lembrar, de reter informações, impressões e ideias” (BARBOSA, 2012), mas não conseguia ter uma lembrança em sua plenitude. Algumas dessas histórias sequer eu conseguia imaginar, pois realmente não possuía memórias das mesmas.

Por que meu avô havia vindo morar no Ceará? Como meus avós se conheceram no interior do nosso Estado? Como eles se casaram? Como eu vim morar aqui? As perguntas começaram a surgir. Convivi durante anos com diversos parentes e apesar disso, não sabia responder os questionamentos que vieram à tona durante aquele momento. Logo, durante aquela madrugada, precisava compartilhar sobre essa descoberta com alguém que estivesse em uma situação familiar estrutural similar, a escolhida foi Jéssica, minha irmã.

Durante uma breve conversa com ela através das redes sociais, consegui criar percepções comuns entre a nossa narrativa familiar e possivelmente de outros membros da nossa própria família. Registros formais e sequenciados não existem ou possuem fácil acesso. Os membros da família não conseguem descrever ou desconhecer as histórias. As narrativas foram raramente compartilhadas entres as gerações por conta da oralidade. Todos os fatos seguiam para uma mesma lógica, estava imerso na existência de uma narrativa com característica de degeneração ordenada.

2. QUEM FOI ELA?

Segundo Ricouer (2003), os atores presentes na estrutura hereditária são os principais responsáveis em níveis mais profundos pela manipulação das memórias. Memórias essas que são as responsáveis constantes na composição das narrativas familiares, que cada indivíduo carrega consigo. E, entende-se que apenas com ela existia a possibilidade de rememorar e imaginar.

Apesar disso, era impossível colocar os verbos em ação, uma vez que não conseguia montar uma historiografia mínima da minha estruturação da base familiar. Existiam resquícios mínimos de memórias que foram armazenadas ao longo dos anos, mas o discernimento e encruzamento das histórias eram impossíveis de serem realizadas. Em um universo de esquecimento, delimitar para nortear era necessário. Percebi que para a proposição deste trabalho, precisava iniciar uma busca da história de um sujeito familiar que houvesse influenciado ativamente a construção da minha narrativa de si.

Segundo Cavadas e Fonte (2009), a família é a responsável por trazer a nossa visão de mundo, afetando o nosso desenvolvimento e como consequência a interpretação das formas que nos rodeiam. Por conta disso, a escolha havia se tornado óbvia, iria em busca da história da minha avó, Dona Zilda. Uma mulher branca oriunda da região do Vale do Jaguaribe cearense, semianalfabeta, filha de lavradores, progenitora de 5 (cinco) filhos que faleceu às margens de seus 70 (setenta) anos, portando a rara Esclerose Lateral Amiotrófica (ELA).

Geralmente uma condição genética, a ELA afeta uma estimativa entre 2 a 7 casos a cada 100 mil pessoas no mundo (UOL,2021). Com um difícil processo de diagnóstico, até hoje, nunca foi possível constatar se realmente “elas”, Dona Zilda e a ELA, sempre estiveram juntas em vida. Porém, a certeza existente no processo de descoberta era que a condição rara atrelava-se a uma série de consequências: nenhuma possibilidade de cura, baixa expectativa de vida e degeneração progressiva (BRASIL, 2022).

Após cinco anos de seu falecimento, constatei que sua história, assim como a de outros entes familiares, são desordenadamente relatadas e registradas. Além disso, existe uma percepção de que a ausência e esquecimento, seja de relatos ou arquivos que carregam memórias, percorre a finalização de uma sequência de cinco anos de tratamento paliativo. Durante esses anos, a família se ordenou para acompanhá-la, enquanto passava pelo processo de degeneração física. Sua partida foi tão intensa, que após esse marco, decidimos não mais

falar sobre ELA.

3. METODOLOGIA

Sabia que o início desse projeto seria complicado. Logo durante os primeiros esboços, não conseguia dimensionar como poderia preencher a ausência de informações a partir das minhas indagações. Quando fazia a proposição de ir atrás desse conhecimento a analisar as histórias, não existia processamento mínimo em meu tronco encefálico. O problema era generalizado, sequer conseguia montar uma estrutura de árvore genealógica sozinho.

Em um estado de estipular o indecifrável, a percepção é que deveria haver o trabalho de resgatar as memórias, em paralelo ao ato de imaginar. Não apenas utilizando o meu próprio sujeito, mas apropriando-se da rememoração e imaginação daqueles que atravessaram a vida de Dona Zilda. Entendendo que existe diferenciação entre os respectivos modos, o ato de rememoração e o de imaginação, ambos têm como traço em comum a presença da ausência e a representação do passado como imagem (RICOEUR, 2003).

Ou seja, o estudo da fotografia mostrou-se como a área do conhecimento presente para entender a temática deste trabalho, sendo a norteadora central em busca da minha historiografia. Não obstante, sob a óptica da crítica genética, a investigação surge a partir da sua construção, acompanhando o seu processo de planejamento, execução e crescimento e compreendendo que a necessidade de ampliar os limites para ir além decorre do processo criativo (SALLES, 1998). Assumo o armazenamento e experimentação para este projeto, utilizando os documentos de processos como instrumentos gerais de análise.

3.1 Ateliê fotográfico

Após compreender que havia uma necessidade de transitar pela área da fotografia, encontrei com o Fernando Maia³ e a sua disciplina de Ateliê de Fotografia⁴ um espaço para construir os pilares para uma primeira experimentação. Para além disso, demonstrar que existia a possibilidade de trabalhar com as imagens e que isso era sinônimo de entender um

³ Docente do curso de Comunicação Social - Publicidade e Propaganda. Formou-se em 1995, em Belas Artes - DI/CV - habilitação em Design Gráfico, na PUC-RJ. Coursou especialização em Fotografia e Vídeo na *NORDIC FOLKHIGHSCHOOL BISKOPS ARNÖ*, na Suécia. Pós-Graduação em Fotografia, Imagem e Comunicação na Universidade Candido Mendes - RJ e Mestre em Comunicação - Fotografia e Audiovisual na Universidade Federal do Ceará (PPGCOM/UFC).

⁴ Disciplina optativa ofertada pelo curso de Comunicação Social - Publicidade e Propaganda na Universidade Federal do Ceará (UFC).

discurso fotográfico, seus processos de análises, leituras, interpretação e compreender que esse processo também serve para produzir conhecimento.

No término da primeira aula, procurei o Fernando para conversar sobre as ideias, questionamentos e caminhos que me encaminharam para a sua disciplina. Compartilhei que estava iniciando o projeto experimental de conclusão de curso e que estava simplesmente perdido. Prontamente, ele me adiantou que a proposta do trabalho final da disciplina poderia ser o norteador e despejou alguns projetos fotográficos, inclusive os deles, que poderiam ser referências. Foi naquele momento que encontrei no Fernando, não apenas um mentor para esse projeto, mas um acadêmico e pesquisador para aquilo que estava me propondo, as narrativas familiares.

Logo, já comecei a me dedicar sobre os conceitos e teorias, buscando em fotógrafos referências para o meu fazer fotográfico. Então, a leituras de autores como Benjamin, Barthes, Sontag, Flusser, Dubois e Didi-Huberman ao mesmo tempo que consumiam a produção artística de Eustáquio Neves, Ulla von Czékus, Manu Rigoni e vários outros se fizeram presente. Depois já iniciei a proposta do trabalho final da disciplina, uma imersão experimental pessoal, a partir da minha relação com a minha avó, portadora em fase terminal de vida de ELA. A proposta deste primeiro trabalho era remeter ao passado, em paralelo, a como encarava o presente através da historiografia da matriarca da minha família.

Vivenciei a minha adolescência em paralelo com a ELA de Dona Zilda. Foram momentos muitos intensos convivendo diariamente em seu quarto estruturado com uma Unidade de Terapia Intensiva (UTI) para garantir a sua qualidade de vida. Apesar de não haver discernimento sobre o seu tempo de vida, durante os seus últimos cinco anos, vivi sabendo que a sua partida se aproximava. De maneira repentina, em uma complicação respiratória, Dona Zilda fez com que pela última vez a acolhesse na UTI de um hospital em sistema de revezamento. A despedida se aproximava. Às dezoito horas de uma quarta-feira ELAs se foram. Para preencher o vazio que acabara de surgir com seu falecimento, um processo de dissociação⁵ solicitou permissão para substituí-las. Como um estalar de dedos, o sistema de defesa entrou em ação para me proteger durante o momento de luto.

Ao decidir realizar este projeto e retornar a falar sobre Dona Zilda, percebi que a mulher que havia conhecido, havia sido despersonalizada por conta da ELA, sua condição genética. Eu não conseguia reconhecer ou lembrar das suas histórias antes do período de

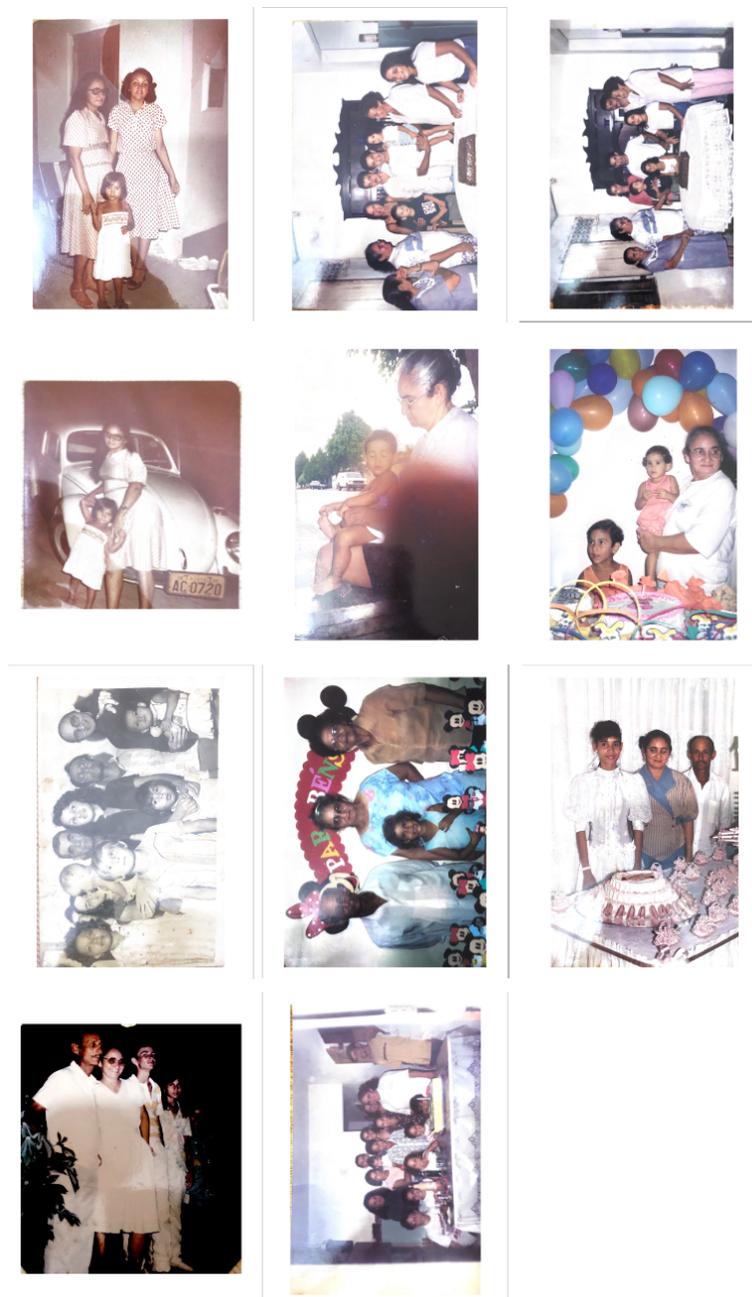
⁵ Pode ser vista como um mecanismo de defesa em defesas de muito estresse. Há um afastamento súbito da realidade que torna a pessoa aérea e dispersa, como se sua mente não estivesse ali. Pode interferir de maneira grave no cotidiano das pessoas.

diagnóstico, apenas conseguia lembrá-la a partir de seu período de descobrimento com a ELA. Todas as pessoas que chegavam para me questionar sobre a sua história, o único fato citado era sobre ela ter sido portadora da ELA, mas nunca sobre qualquer outra informação de sua historiografia. Ao tentar reviver a história dela, estava ciente que enfrentaria uma barreira emocional.

Existe um fato que os meus familiares não costumam falar sobre ela, pois existe um desconforto aparente ao imaginá-la diante de sua última situação degenerativa com a sua vida repleta de vida e energia. Querer trazer a sua história à tona, era estar ciente de retomar um luto que já podia estar engavetado.

Sem me preocupar sobre os impasses que esse projeto poderia causar, me permiti ir à casa de minha avó para através da memória e do afeto daquele recinto, ir atrás de informações sobre a sua história. Em uma tentativa de buscá-la, no dia 22 de junho de 2022, vasculhei os cômodos de sua casa e me deparei com alguns álbuns de família. Com eles à mão, me desloquei até a cozinha para que pudesse manuseá-los com mais facilidade sobre a mesa. Mansueta, filha de Dona Zilda e minha tia, curiosa com minha movimentação atípica, questionou-se sobre o que estava buscando e prontamente prestou ajuda em busca de registros. Em alguns minutos, me deparei com a primeira surpresa: na casa onde a minha avó morou durante mais de 20 anos, havia apenas 11 fotos onde ela aparecia, das quais nenhum autorretrato (Figura 1).

Figura 1 - Registros fotográficos encontrados na residência da Dona Zilda.



Fonte: Arquivo pessoal do autor

Um sentimento indescritível me atravessou naquele momento. Como poderia haver tão poucos registros em seu próprio recinto que constasse a sua própria história? Apesar da série de interrogações que surgiram a partir da quantidade de fotografias encontradas, não deixei que essa situação gerasse algum abalo. O desdobramento em ir atrás das informações sobre a história da Dona Zilda seria ainda maior do que o previsto.

Da mesma forma que adentrei a sua casa para ir em busca de registros e informações sobre ela, percebi que a sua própria casa demonstrava um reflexo de sua história degenerativa. Pelo que recordava, a minha avó era a responsável pela compra e reforma do imóvel, todas as alterações e reformas dos espaços era sempre ela que propunha, ou seja, de fato a casa poderia contar sobre parte de sua história. Logo em um primeiro momento, percebi que as superfícies das principais paredes da sua casa estão caindo, deixando em estado de reboco aparente.

Talvez essa situação não fosse coincidência, porque enquanto estava vivendo acamada em seu quarto, com todas as reformas e manutenções durante os seus últimos cinco anos, os outros cômodos simplesmente foram esquecidos. Ora, da mesma forma que a doença trazia a degeneração física para a Dona Zilda, a sua ausência de liberdade de transição entre os outros cômodos fizeram com que as paredes em estado mostrando-se em degeneração? (Figura 2).

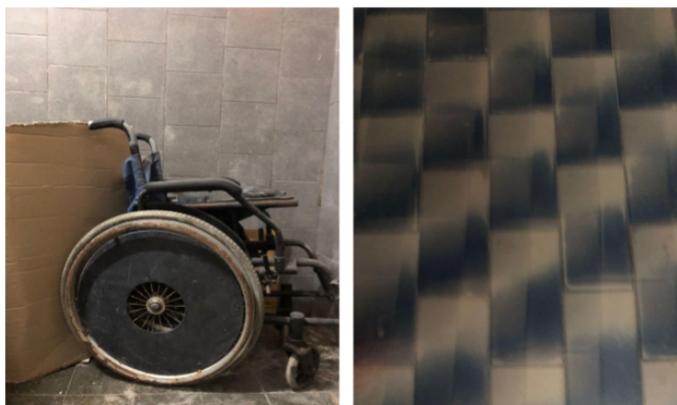
Figura 2 - Prancheta 1 do ensaio fotográfico experimental.



Fonte: Arquivo pessoal do autor

Por conta disso, fotografei os espaços da sua casa de forma espontânea, sempre com um olhar atento do que poderia contar algum tipo de história. De fato, a casa aparentava ser o reflexo do que aconteceu com a minha avó. Desde a sua partida, modificações bruscas não foram realizadas. Objetos que eram de uso comum da minha avó, como sua cadeira de rodas, simplesmente haviam sido esquecidos na despensa, encontrando-se enferrujada e empoeirada (Figura 3). E por fim, pela primeira vez, observei que a sua casa era construída sobre a base de diversos pisos, em cada cômodo havia um diferente do outro. A sua residência de fato contava uma história (Figura 4).

Figura 3 - Prancheta 2 do ensaio fotográfico experimental.



Fonte: Arquivo pessoal do autor

Figura 4 - Prancheta 3 do ensaio fotográfico experimental.



Fonte: Arquivo pessoal do autor

Encontrar registros fotográficos impressos em álbuns de família e fotografar a sua casa me fizeram reviver a Dona Zilda, a minha avó. Uma explosão de sentimentos me preencheram, pois desde o momento que decidimos não mais falar sobre ela, sob iminência de machucar-se, era a primeira vez que conseguia sentir uma presença. Talvez fosse a sua presença, ou apenas saudade. Naquela situação, ao tentar compreender, a única maneira que encontrei como solução era a escrita. Escrevi não apenas para conversar sobre o que estava acontecendo, mas para curar depois de anos, a sua despedida (Figura 5).

Figura 5 - Prancheta 1 do ensaio fotográfico experimental.



Oi, vó

Eu sei que você não está mais aqui.
Queria tanto poder conversar com você
sobre esse momento da minha vida, nesse
exato momento.
Todo mundo diz que é difícil, e de fato
já consegui perceber que é.

Se bem que já passei por momentos piores,
como a sua partida.
[respira]

Eu sei que você já não está mais aqui.
E foi por conta disso que escolhi falar sobre
você.

Vó, passamos tanto tempo conversando
sobre tantos assuntos.
Foram tantos momentos e histórias.

Mas, eu não consigo mais lembrar.

Tenho receio que sua partida tenha sido tão
intensa e tenha acionado no corpo, meu
sistema de defesa.
Será que ele apagou tudo sobre você,
ou simplesmente foi porque decidi não mais
falar sobre você?

Hoje, decidi mexer nas gavetas da sua casa,
sem te pedir licença.
Me bateu saudade e quis lembrar de você.

Percebi que apesar de tudo, ainda não
consigo lembrar.
Não consigo, porque essas memórias não
são minhas.

Com um nó na garganta.
Lágrimas nos cantos dos olhos.
Eu escolhi ir atrás dessas memórias.
Memórias que contam a sua história.

Vó,
Eu decidi contar a sua história.
Não só para lembrar de você.
Mas para descobrir quem sou.

Fonte: Arquivo pessoal do autor

Consigo perceber que a proposta do Ateliê de Fotografia se tornou a vivência de uma primeira fase deste projeto. Uma interpretação subjetiva, da associação da casa onde minha avó havia morado com a degeneração física que ela sofreu durante os seus últimos anos de vida. Embora não tenha conseguido compreender por inteira a história da Dona Zilda e ainda existir muitas questões a serem respondidas, tornou-se uma experimentação importante sobre a busca da minha narrativa familiar.

É válido ressaltar que apesar disso, o incômodo persistia sobre o encontro de apenas onze fotos da pessoa que havia sido a matriarca da família. Todos os registros possuem padrões, seja de comemorações ou de momentos possivelmente importantes. A desagradável sensação associada com as fotografias realizadas para este primeiro projeto, levantaram várias dúvidas sobre questões sociais, econômicas e até mesmo culturais, como o entendimento da Dona Zilda com a própria fotografia.

Com a finalização, uma segunda fase do projeto já mostrava-se aparente. As fotografias que haviam sido encontradas não eram datadas e particularmente não conseguia discernir sobre os fatos registrados. A única coisa que poderia fazer, era imaginar quais eram os fatos por trás de cada fotografia.

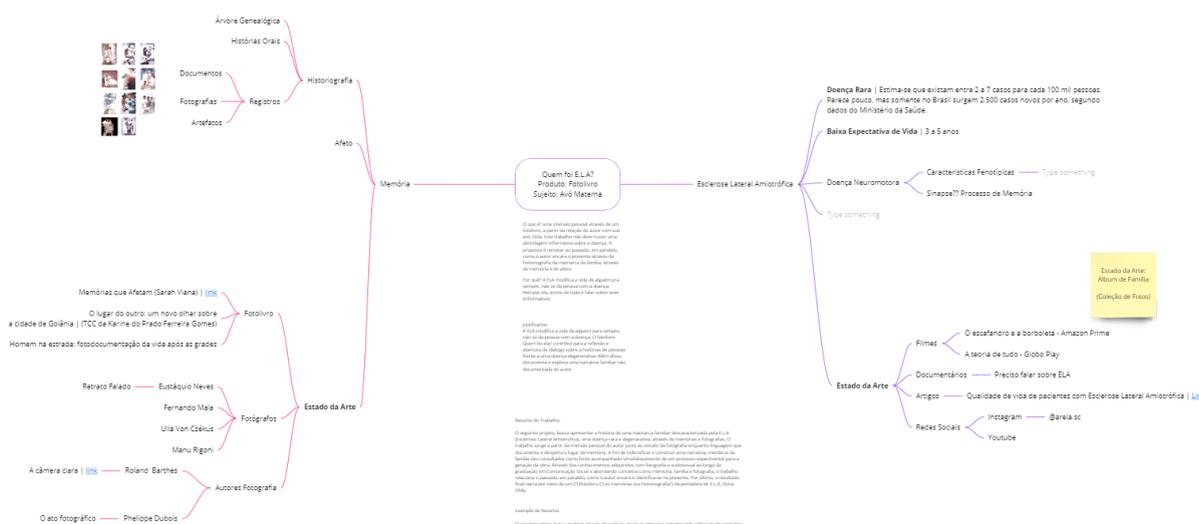
Agora, para continuar entendendo a historiografia da minha avó, precisava buscar

registros, memórias e lembranças de pessoas que conviveram ou cruzaram o seu caminho.

3.2 Arquivos fotográficos

Após quase 5 meses desde a primeira fase de experimentação e com o início de um novo semestre letivo, iniciei a segunda fase deste projeto. Na realidade, precisava continuar o processo de busca de informações que havia iniciado na fase anterior e seguir experimentando. Mas, antes de qualquer coisa, necessitava realizar uma estrutura norteadora, os mapas mentais que segundo Buzan (2009) seria “um método de armazenar, organizar e priorizar informações, usando palavras-chaves.” (Figura 6).

Figura 6 - Estrutura de mapa mental na plataforma Miro.



Fonte: Miro

Na construção do mapa mental, compreendi como seriam os próximos passos e quais as possibilidades existiam nesse processo. Seguiria em dois caminhos: precisava buscar a historiografia da Dona Zilda, seja através das histórias orais ou de registros e em paralelo, informar-se sobre as características e consequências da ELA. Ambos os desdobramentos seriam acompanhados de um estado da arte que auxiliasse o processo criativo.

Finalmente com as ideias organizadas, através de uma reunião virtual, em agosto de 2022 compartilhei com o Fernando sobre a minha construção e aproveitei para convidá-lo para seguir a continuação do projeto iniciado em sua disciplina, agora oficialmente no Trabalho de Conclusão de Curso do curso de Comunicação Social - Publicidade e

Propaganda, como meu orientador (Figura 7).

Na primeira orientação, validei a necessidade de buscar os arquivos fotográficos e entrevistar alguns familiares em busca de informações e recebi alguns textos acadêmicos que ajudariam durante os próximos meses de trabalho.

Figura 7 - Orientação virtual com o Fernando Maia.



Fonte: Arquivo pessoal do autor

Logo após a orientação, o primeiro passo seria encontrar mais registros fotográficos que poderiam somar aos encontrados na residência da minha avó. Apesar de não ter sido devidamente planejado, nos dias seguintes, encontrei parentes e compartilhei de forma espontânea sobre o projeto. A primeira situação foi através de uma conversa com a minha irmã e primas em nosso grupo de Whatsapp “Brasil sorrir de novo”, onde esclareci que havia chegado a minha vez de realizar o TCC e que iria ser sobre a nossa avó.

De maneira imediata, gerei uma movimentação nostálgica ao compartilhar sobre a Dona Zilda e surgiram alguns compartilhamentos de registros fotográficos digitais. Existiam imagens de momentos de sua primeira internação no hospital (Figura 8), de aniversários com a família (Figura 11), com a minha prima Hylana (Figura 9), enquanto era bebê, e autorretratos (Figura 10).

Figura 8 - Registros fotográficos da internação da Dona Zilda.



Fonte: Arquivo pessoal do autor

Figura 9 - Registros fotográficos da Dona Zilda.



Fonte: Arquivo pessoal do autor

Figura 10 - Auto retratos e momentos com as netas da Dona Zilda.



Fonte: Arquivo pessoal do autor

Figura 11 - Aniversário da Dona Zilda.

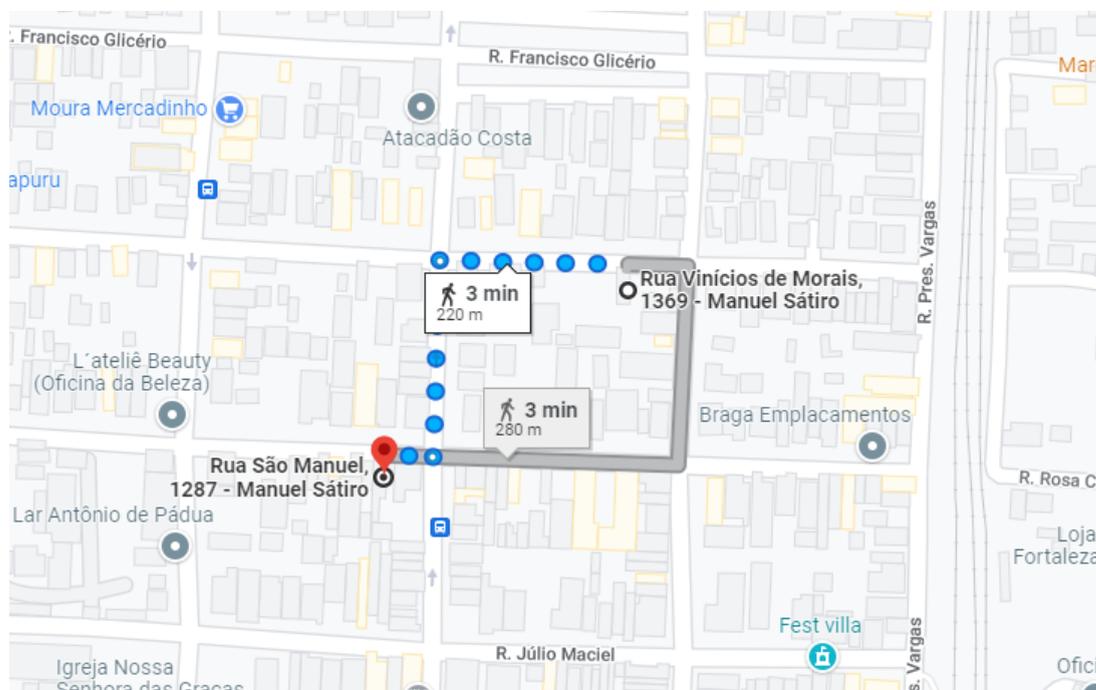


Fonte: Arquivo pessoal do autor

Em um dia inesperado, recebi a visita de uma das irmãs de Dona Zilda a minha residência, a Tia Kaká. Constatei que em sua casa deveria existir o que precisava para completar algumas lacunas que me faltavam. Conversamos e fiquei na promessa de visitá-la para ir atrás de registros, mas não seria tão fácil, pois ela havia estabelecido que precisaria da ajuda das suas irmãs, a minha Tia Lúcia e Tia Lourdinha, para vasculhar a casa e separar os registros que existissem da minha avó.

Passaram-se alguns dias e por conta da rotina movimentada, não encontrava momentos oportunos para ir até a sua casa. Até que no dia 25 de agosto de 2022, após praticar atividades físicas pela manhã, retornei à minha residência e não consegui acessá-la, pois todos haviam saído e por algum motivo não havia levado a chave que destrancava o portão. Uma vez do lado de fora de casa, achei a oportunidade perfeita para ir a casa da Tia Kaká, como havia prometido alguns dias antes e fazer uma visita (Figura 12).

Figura 12 - Deslocamento à residência da Tia Kaká.



Fonte: Arquivo pessoal do autor

220 metros era a distância mais curta que separava as nossas residências. Sem expectativas, entrei na casa da Tia Kaká para entender como estava o andamento da busca de registros e infelizmente não havia progresso. Ela não conseguia juntar as suas irmãs para remexer os móveis da sua própria casa, mas compartilhou que deveria entrar em contato com a Tia Lourdinha para entender se também existiam registros fotográficos em sua casa. Ainda que não tenha obtido êxito, aproveitei o momento para conversar e reforçar sobre o que estava propondo a realizar.

Por algum motivo, destravei as suas lembranças e Tia Kaká começou a compartilhar sobre a vida com a minha avó, quando ainda nem moravam em Fortaleza. Escutei a história atentamente, pois nunca havia acessado essas memórias anteriormente e logo senti uma necessidade de compartilhar com a minha avó sobre a sua própria narrativa. Como maneira de afagar a situação, ao retornar para a minha residência, dispus uma carta para a Dona Zilda. Foi a única maneira que havia encontrado para tentar criar uma conexão com ela (Figura 13).

Figura 13 - Carta escrita digitalmente para a Dona Zilda.

Você casou escondida?

25/08/2022

Oi, vó!

Decidi sair para nadar. Como de costume, saí sem levar a chave do portão - recentemente trocaram o cadeado, porque nem ele está aguentando mais a movimentação - , confiando no sempre espírito vigilante do Seu Raimundo.

Foram 5 batidas. 5 gritos. Ninguém para atender. O que soa estranho, uma vez que ele sempre está a postos para ver a movimentação da rua. Será que a notícia que ele soube, no primeiro horário da manhã, sobre a compra de uma casa por sua caçula, o afetou a ponto de passar mal? Ou, sair de casa? Ou, sabe se lá o quê!

Ainda estou preso do lado de fora de casa.

Botei a cabeça para pensar e cogitei que ele poderia ter ido na casa de Tia Kaká, Chegando lá, minhas hipóteses se concretizaram, ele tinha passado por lá, mas havia acabado de sair. Já sei, nunca mais esqueço de levar a chave de casa quando sair. Mas, aproveitei o embalo da visita e comentei sobre o trabalho que decidi produzir sobre você. Compartilhei que estava em busca não apenas de fotos suas, mas também de suas histórias.

Conversando com a sua irmã, consegui finalmente descobrir de onde você veio. Apesar de você nunca ter me levado lá, fico imaginando como foi a sua vida, em frames, naquela região de serra. Quero dizer que também me questiono o porquê você nunca tenha me levado em suas viagens de volta para sua cidade de origem. Mas, isso não é o mais importante. Descobri que você era rebelde e se casou com meu avô escondido, como assim? Como você nunca me contou sobre essa história?

Você fugiu escondida. Foi em direção a serra. Conseguiu um refúgio para você e meu avô. Se casou. Tentou voltar para casa - em um cavalo branco -, mas seus pais não a apoiaram e a expulsaram. Não são nem 10 horas da manhã e fui bombardeado com todas essas suas histórias.

Como assim, você nunca contou isso?

Sabe aquele ditado que as pessoas só acreditam vendo? Essa parte da sua história passou como cena de novela das 9 em minha cabeça e até agora imaginando essa sua personalidade rebelde. Enfim, a Tia Kaká acredita que possa existir um registro fotográfico deste dia. E, se conseguir encontrar, preciso voltar a te escrever.

*Sim, o Seu Raimundo não deu chá de sumiço e quando voltei ele já estava em casa.

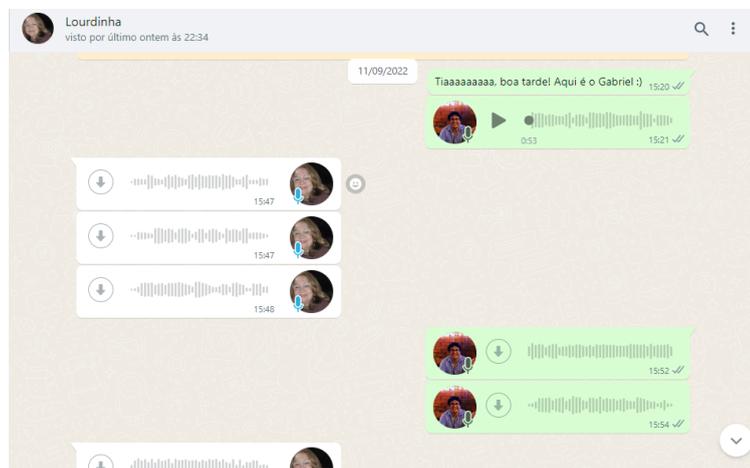
** Eu ainda não estou acreditando sobre essa sua história, um cavalo branco?

Fonte: Arquivo pessoal do autor

Passaram-se vários dias e a promessa de remexer as gavetas de memórias das casas dos meus familiares havia ficado de lado. Apesar de encontrar a Tia Kaká semanalmente, sempre existia um desencontro de tempo com suas irmãs. Até que no dia 11 de setembro de 2022, encaminhei uma mensagem no aplicativo *Whatsapp* para a Tia Lourdinha explicando sobre a busca de registros sobre a sua irmã, Dona Zilda. De fato, a Tia Kaká havia comentado com ela sobre o meu projeto e aproveitou para ir atrás de álbuns de família em sua

residência, mas por conta da época que deixou Fortaleza para viver em Belém, lembrou que havia deixado todas as possibilidades de registros fotográficos na casa da Tia Kaká. Ou seja, tudo retornava para a casa da primeira irmã de Dona Zilda (Figura 14).

Figura 14 - Print screen da conversa de Whatsapp com a Tia Lourdinha



Fonte:Whatsapp

Após uma semana, recebi uma mensagem de que as minhas tias haviam se reunido e conseguido separar alguns registros fotográficos. Prontamente, após o expediente de trabalho, passei na casa da Tia Kaká e recebi nove fotografias. Existia a possibilidade de haver mais arquivos, mas não conseguiram separar por conta do tempo. Foram quase 25 dias desde o primeiro contato com a Tia Kaká, até conseguir resgatar nove fotografias que Dona Zilda estivesse presente (Figura 15).

Figura 15 - Registros fotográficos encontrados na residência da Tia Kaká



Fonte: Arquivo pessoal do autor

Durante todos os dias de setembro, criei uma expectativa de que a Tia Kaká não queria revirar os álbuns de fotografia sozinha. Talvez existisse com receio em mexer nas gavetas que foram definitivamente fechadas com memórias e lembranças. Foi apenas quando as três irmãs, Tia Lourdinha, Tia Lúcia e Tia Kaká se juntaram que foi possível resgatar os arquivos das quais a Dona Zilda fazia parte.

Naquela segunda-feira à noite, quando retornei à casa, compartilhei com a Maria das Graças, minha mãe, sobre os registros fotográficos que havia acabado de receber na casa da Tia Kaká. Em seguida, senti novamente a necessidade de conversar com a minha avó, então da mesma maneira que havia escrito uma carta alguns dias antes, tratei de repetir a ação (Figura 16).

Figura 16 - Carta escrita digitalmente para a Dona Zilda.

Sem esperança

19/09/2022

Desculpa os últimos 25 dias sem escrever.
Não consegui encontrar você.

Não sabia qual seria a melhor forma de ir atrás de todas as informações, ou pelo menos de parte, sobre você. Tentei conversar com as suas irmãs, tentando encontrar algo. Foram muitas idas na casa daquela que mora mais próximo daqui e tenho a sensação que ela não queria revirar os álbuns de fotografia com receio de te encontrar.

Foram necessárias três irmãs para conseguir resgatar 9 de você. Agora, olhando para as fotos, me questiono se você é sinônimo de coletividade. Todas as memórias que consigo lembrar de vocês, sempre são envoltas de várias pessoas. Nem em sua degeneração ela deixou de existir.

Nesse exato momento, estou querendo chorar. Acho que a saudade apertou.

Passeando pelas fotos, percebo que a sua seriedade. Será que é uma essência de sua característica, ou apenas estou confundindo seu olhar vazio com sua vontade de observar? Não apenas somente, será que eu sou um reflexo de você? Sêrio. Observador. Vazio.

Nesse exato momento, estou querendo chorar. Acho que a saudade apertou.

Nunca percebi o quanto você gosta de branco. Mas, eu deveria ter reparado porque você sempre usava essa tonalidade.

Talvez, eu tenha apenas esquecido.
Não, eu não esqueci.

Eu tenho até hoje a blusa que decidi usar para me despedir de você.
Preto, uma cor muito séria.
E, naquele momento, eu acho que você não queria isso de mim.

Nesse exato momento, estou chorando. A saudade apertou.

Hoje, depois de 25 dias, consegui mais 9 fotos que contam a sua história. Não faço a menor ideia das histórias que estão por trás desses retratos, mas pelo menos eu consegui te encontrar. Espero que nos próximos dias eu consiga te escrever para contar sobre as minhas descobertas, ou melhor sobre as suas descobertas.

Sem esperança,
Agora, com esperança

Fonte: Arquivo pessoal do autor

Enquanto caminhava para o meu quarto para observar as fotografias e escrever a carta para a Dona Zilda, a minha mãe entendendo que estava em busca de registros fotográficos sobre a minha avó e talvez extasiada pelo momento, foi até os móveis de casa e começou a revirar os arquivos. Ela fez o que deveria ter feito desde o início, buscar as memórias e lembranças em minha própria residência. Mexendo nas gavetas da sala, a mãe encontrou 28 registros fotográficos, com as mesmas características em comum comparadas às encontradas na residência da minha avó (Figura 17), de comemorações ou momentos importantes.

Figura 17 - Registros encontrados pela Graça, a minha mãe.



Fonte: Arquivo pessoal do autor

Aquele momento de entrega das fotos, acompanhou as lembranças e memórias da minha mãe, pois aqueles eram registros fotográficos do acervo da sua casa. Apesar de reproduzir outrora características observadas, pela primeira vez haviam fotografias da Dona Zilda em seu cotidiano: costurando, descansando, dormindo, sendo avó. Curioso com as histórias a partir das fotografias brevemente contadas pela minha mãe, percebi que precisava buscar as pessoas que faziam parte dessas memórias e compreendi que estava adentrando em uma terceira fase deste projeto.

3.3 Youtube e árvore genealógica

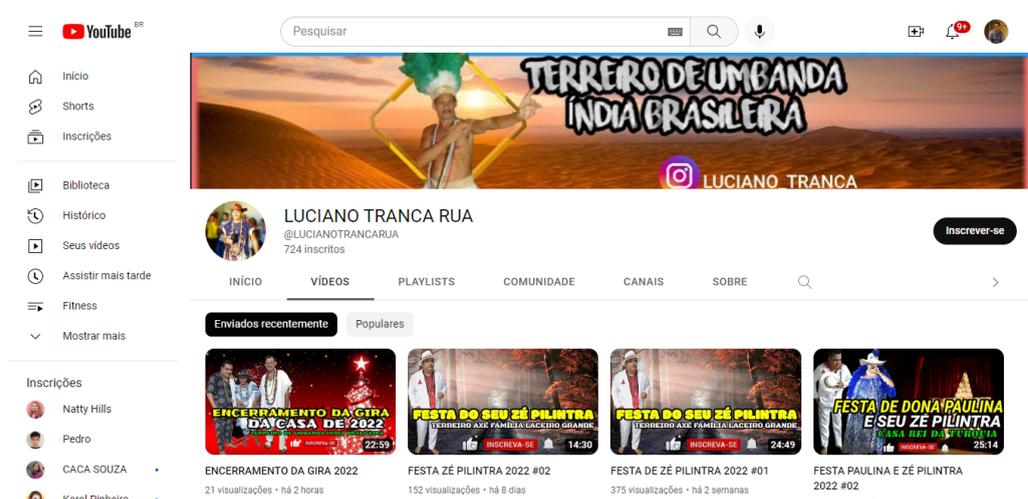
Precisava ir atrás das memórias e lembranças de outros familiares ou conhecidos para continuar conhecendo a Dona Zilda. Por conta disso, o próximo passo era entender a estruturação da minha família a partir da montagem de uma árvore genealógica. Mas, no dia 04 de outubro de 2022, quando estava prestes a iniciar uma nova fase deste projeto, o Tio Bim, irmão da minha mãe e filho de Dona Zilda, entregava uma informação de bandeja em minhas mãos, existiam vídeos dela em celebrações religiosas no Youtube.

Desde criança, sempre presenciei a minha avó em suas crenças, principalmente na Umbanda, religião brasileira “enquanto sincretismo nacional a partir de matrizes negras

(macumba, candomblé) e ocidentais (catolicismo, kardecismo).” (NEGRÃO, 1994, p.1).

Acompanhá-la nas celebrações que aconteciam numa Casa ou Terreiro sempre havia sido considerada natural. Desde o início deste projeto, não considerava encontrar nenhum arquivo em vídeo, mas quando o Tio Bim chegou ao meu quarto, comentando que esteve assistindo vídeos postados há 13 anos atrás, me bateu a necessidade de buscar a Dona Zilda em um novo formato, precisava agora dela em movimento. A única orientação que havia recebido, era que o Luciano Tranca Rua, *pai de santo*⁶ que minha avó costumava frequentar, possuía um canal no Youtube com as festas e celebrações que aconteciam no seu terreiro no bairro Conjunto Esperança, em Fortaleza (Figura 18).

Figura 18 - Print screen do canal do Luciano Tranca Rua no Youtube.



Fonte: Youtube

De fato, ao buscar no Youtube encontrei supostamente o canal que Tio Bim havia comentado. Com o coração pulsante, comecei a assistir todos os vídeos em busca da Dona Zilda, a minha avó. Ao mesmo tempo, pensei não apenas em como as informações e registros fotográficos estavam chegando até a mim, mas também como pareciam conectadas. Anteriormente, havia adentrado à casa de minha avó buscando-a e durante conversas entre familiares descobri que antes da sua mudança para a sua última residência, aquele espaço já havia sido o terreiro do Luciano. Ou seja, estava deparado com vídeos que poderiam contê-la no espaço que seria a sua própria casa.

⁶ Dirigente espiritual, considerado a figura mais importante dentro do terreiro.

Festa do *Zé Pelintra*⁷. Festa de *Pomba Gira*⁸. Festa de *Dona Paulina*⁹. Passei algumas horas assistindo a vários vídeos tentando encontrar frames fotográficos que aparentassem uma silhueta parecida, a da Dona Zilda. Foi na sequência de vídeos da *festa de Cosme e Damião*¹⁰ que a encontrei, uma *cambona*¹¹ vestida completamente de vermelho, auxiliando as atividades daquela celebração (Figura 19).

Figura 19 - *Print screen* do vídeo Festa de Cosme e Damião no Youtube do Luciano Tranca Rua



Fonte: Youtube

O fato de encontrar a Dona Zilda em vídeos que apresentam características de qualidade em equipamentos de no mínimo 10 anos atrás, fez com que injetasse energia para continuar buscando registros que poderiam contar ainda mais a história da minha avó. Com esse breve momento de descoberta que não havia sido programado, me dei permissão de seguir construindo a sua árvore genealógica.

Sua montagem materna aconteceu de forma bem rápida, através de um grupo de Whatsapp da família. Comecei um quebra-cabeça utilizando o Miro, uma plataforma de colaboração visual, dispondo as relações e suas hierarquias, adicionando fotos daqueles que conseguia facilmente através do celular ou de redes sociais. Portanto, das situações que não recordava, recorria ao auxílio da minha mãe para entender e completar a estrutura que estava construindo (Figura 20).

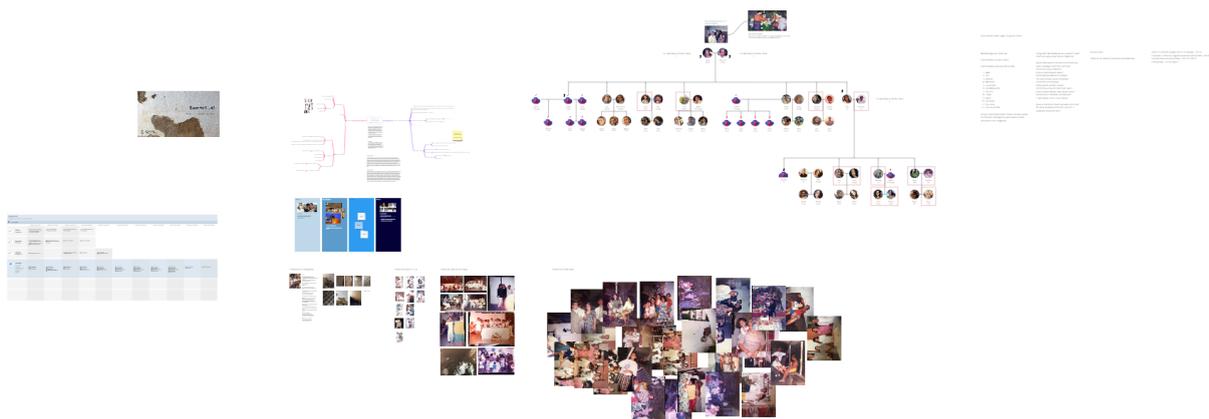
⁷ Uma das entidades mais importantes da Umbanda. Embora não alinhado com entidades de cunho negativo, assume o arquétipo de um “malandro”.

⁸ Entidade espiritual na Umbanda, símbolo de empoderamento feminino. Mulher livre e destemida, Influencia todos a quem tem contato, principalmente as mulheres.

⁹ Entidade espiritual feminina na Umbanda. Apresenta-se como uma cigana, detentora de sabedoria.

¹⁰ Na Umbanda, o dia de Cosme e Damião é celebrado diferentemente do Catolicismo, no dia 27 de setembro. Faz referências aos *erês*, a criança que existe em cada pessoa, onde existe a distribuição de doces como forma de homenagem ou promessa.

¹¹ Refere-se ao grande ajudante anônimo dentro de um terreiro. Auxilia nas atividades dos pais-de-santo.



Fonte: Miro

3.4 Digitalização e imprevistos

Enquanto conseguia os registros fotográficos, sendo alguns de propriedade de terceiros, comecei a montar um processo de digitalização para orientação e ordenação ao longo do projeto. Prezando pela praticidade, optei por estruturar um sistema em meu próprio quarto, com uma iluminação acoplada à minha mesa e usando o meu celular, um Iphone 8, como ferramenta de fotocópia (Figura 22).

Figura 22 - Processo de fotocópia dos registros fotográficos.



Fonte: Arquivo pessoal do autor

Porém, ao buscar os arquivos para realizar a digitalização daquelas que não haviam saído com qualidade, me deparei com a ausência dos registros fotográficos

encontrados na residência da minha avó. No exato momento, tratei de voltar à sua casa para coletá-los. Ao adentrar a sua casa, simplesmente não conseguia encontrar os registros, então precisei procurar em todos os cômodos.

Os registros não foram encontrados, mas ao revirar as gavetas do seu quarto, me encontrei com algo interessante: uma caixa de sapatos repleta de arquivos fotográficos e de documentos antigos da Dona Zilda (Figura 23).

Figura 23 - Caixa de sapato encontrada nas gavetas do quarto da Dona Zilda.



Fonte: Arquivo pessoal do autor

Haviam muitos arquivos que contavam a sua história. Eram fotografias com os seus pais, de seu cotidiano, com os seus filhos (Figura 26) e principalmente com o seu contato com a Umbanda (Figura 25). Além disso, existiam alguns documentos formais, como a cédula de identidade e carteira de beneficente de uma instituição, e artefatos como filmes fotográficos e calendários de bolso (Figura 24).

Figura 24 - Arquivos e artefatos encontrados na caixa de sapatos de Dona Zilda.



Fonte: Arquivo pessoal do autor

Figura 25 - Registros fotográficos encontrados na caixa de sapatos de Dona Zilda.



Fonte: Arquivo pessoal do autor

Figura 26 - Registros fotográficos encontrados na caixa de sapatos de Dona Zilda.



Fonte: Arquivo pessoal do autor

Após esse surpreendente imprevisto, poderia iniciar a montagem de um fotolivro.

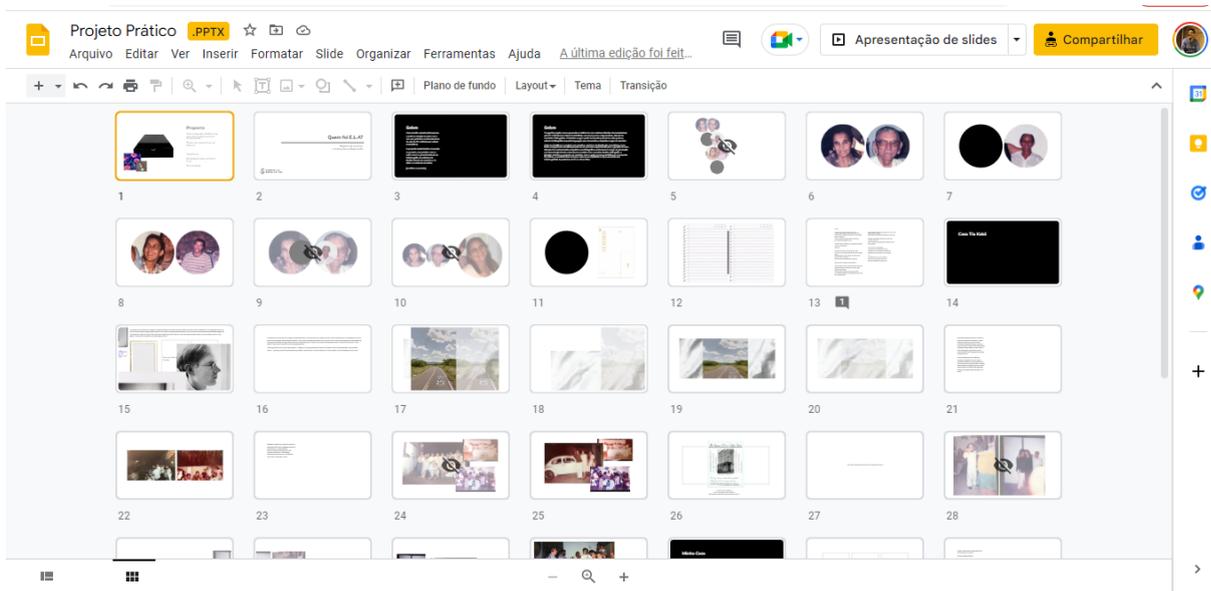
4. CONSTRUÇÃO DO FOTOLIVRO

Apesar de desde o início comentar com o Fernando, meu orientador, sobre a vontade de construir algo que conseguisse minimamente compartilhar uma historiografia, encontrei no fotolivro não apenas a consequência do percurso de um neto em busca de conhecer a sua avó, mas o desdobramento dessa história em algo palpável.

O processo de construção do fotolivro iniciou nas últimas orientações com o Fernando. Na realidade, ao longo dos últimos meses, já comentava com o meu orientador que o desejo era de montar um produto que contasse a história da Dona Zilda e que também compartilhasse de algum forma a sua degeneração.

É válido ressaltar que a montagem do fotolivro iniciou durante os processos de busca de registros fotográficos, em meados do início de novembro de 2022, antes mesmo do imprevisto do encontro com uma caixa de sapatos com diversas informações encontrada na gaveta da minha avó. Era uma tentativa de tentar estabelecer a criação de conceito e narrativa com os materiais que eu já possuía, como as fotos e as cartas, o que foi realizado.

Figura 27 - *Print screen* da montagem da primeira versão do fotolivro.

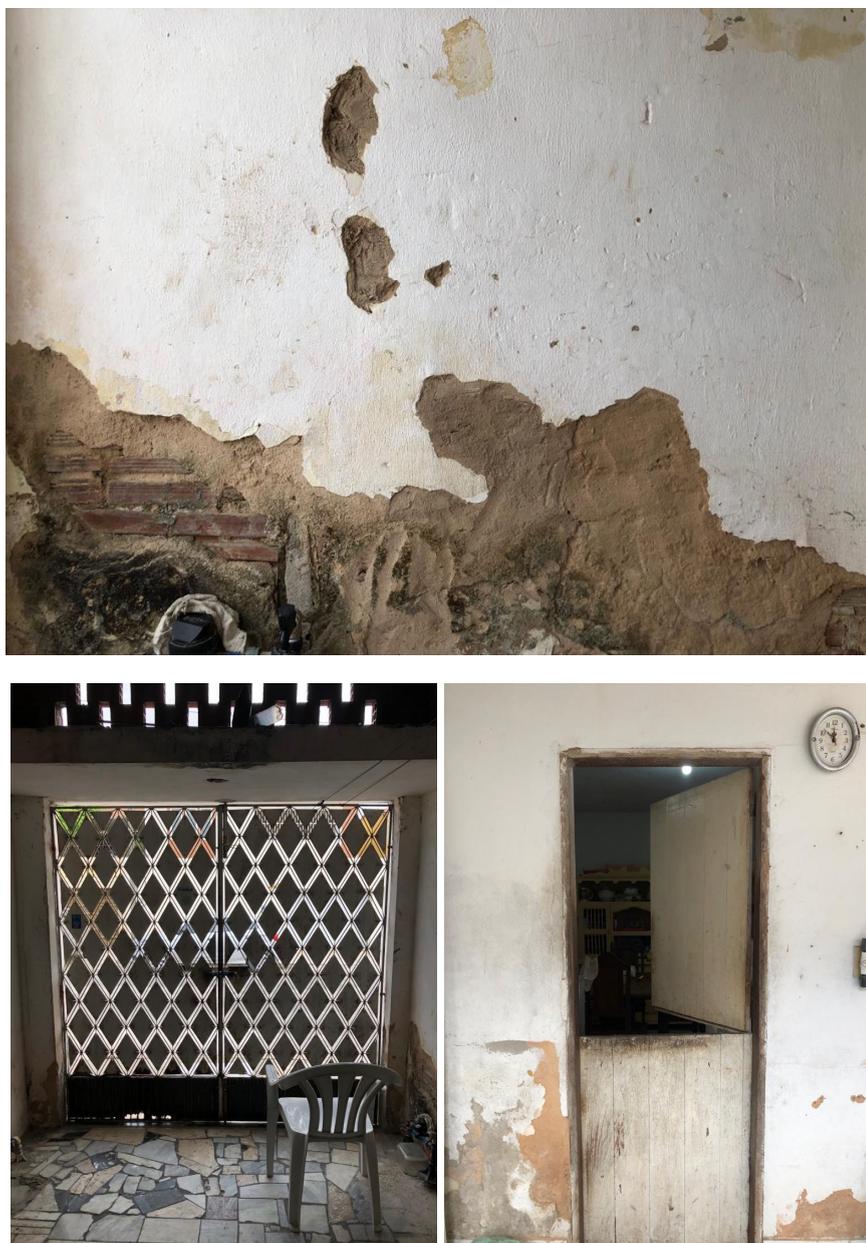


Fonte: Google Slide

A partir dos conteúdos que me eram disponíveis, montei uma primeira versão de narrativa através do Google Slide para apresentar em orientação (Figura 27). Quando compartilhei com o Fernando, ele apontou que a narrativa ainda necessitava de composições, texturas e diagramação das fotos. Após as críticas, pensei em retornar a casa da minha avó para da mesma forma que iniciei esse projeto, encontrar através da fotografia o que faltava.

Decidi realizar um ensaio fotográfico breve para complementar o que faltava no trabalho (Figura 28).

Figura 28 - Ensaio fotográfico em busca de texturas na casa da Dona Zilda.

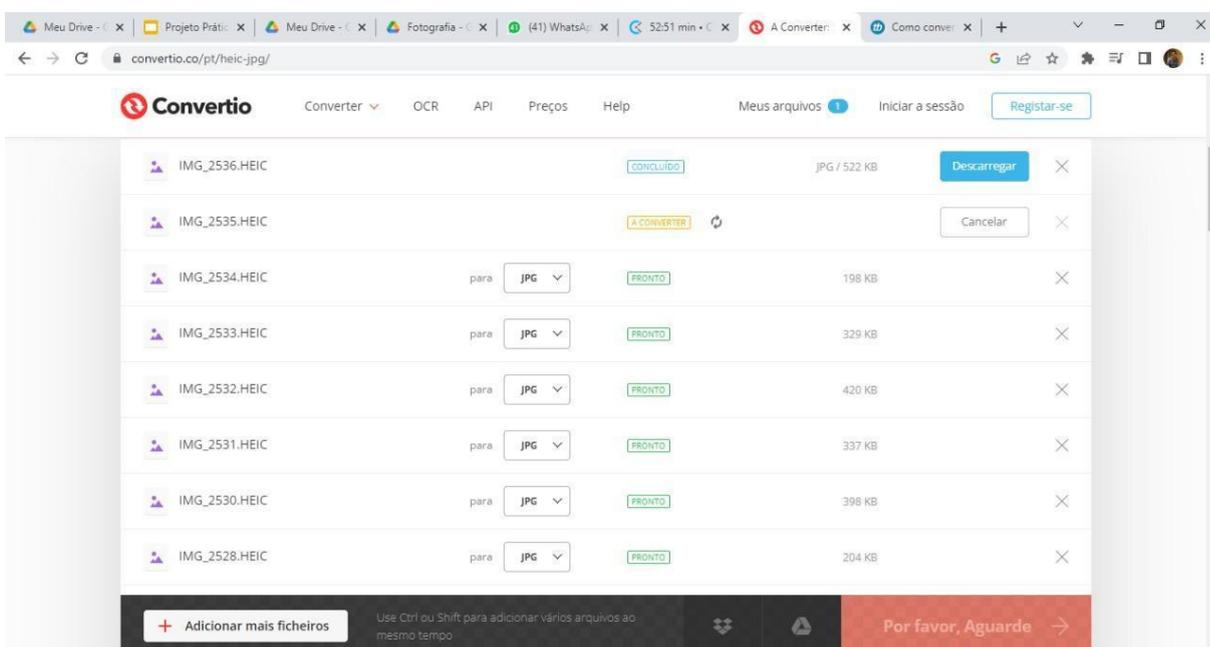


Fonte: Arquivo pessoal do autor

Pensei que ao retornar a casa da minha avó, conseguiria as texturas e composições que faltavam. Foi durante o processo do ensaio fotográfico e da montagem do fotolivro que aconteceu o imprevisto de encontrar os materiais dentro da caixa de sapato, juntando o útil ao agradável, pois conseguiria realizar uma composição através de curadoria com ainda mais arquivos.

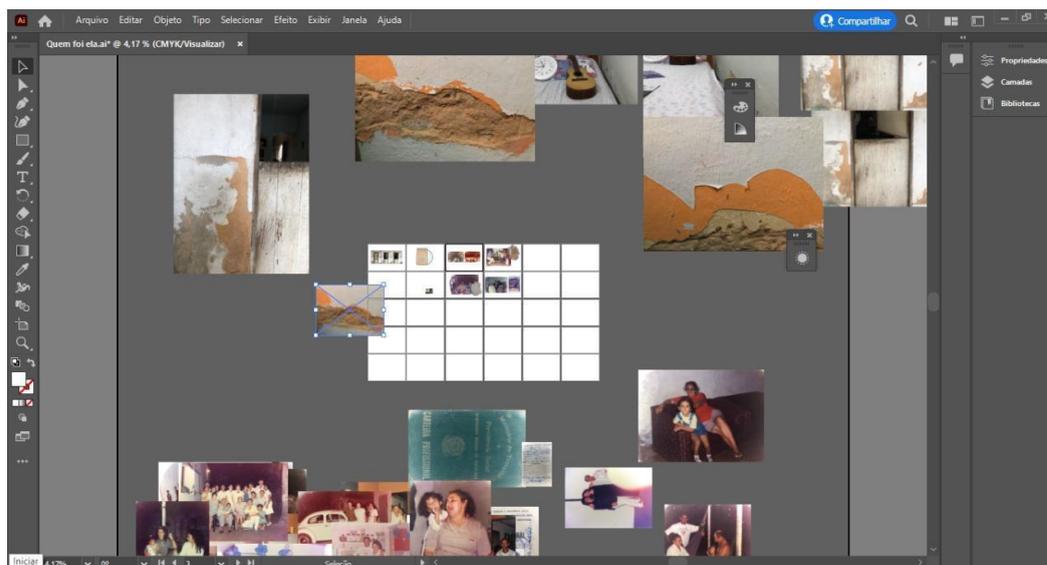
Tratei de juntar as fotografias, porém, encontrei dificuldade em sua utilização, pois escolhi realizar a fotocópia através do meu smartphone e não de uma câmera digital. Com isso, me deparei com a dificuldade de converter os arquivos para serem trabalhados no meu computador. Após quebrar a cabeça com *softwares* e plataformas, consegui encontrar uma que pudesse me auxiliar na conversão dos arquivos e consegui os arquivos em formatos editáveis para o Illustrator, *software* que iria usar para a montagem e curadoria.

Figura 29 - Print screen da plataforma de conversão de arquivos



Fonte: Convertio

Em seguida, com todos os conteúdos em formatos apropriados, tive a liberdade de me apropriar e realizar a curadoria a partir da observação das fotografias e do sentimento durante o processo de criação, e logo após realizei a montagem dos arquivos em uma narrativa em 30 pranchetas no Illustrator.

Figura 30 - *Print screen* da curadoria e montagem no Illustrator

Fonte: Illustrator

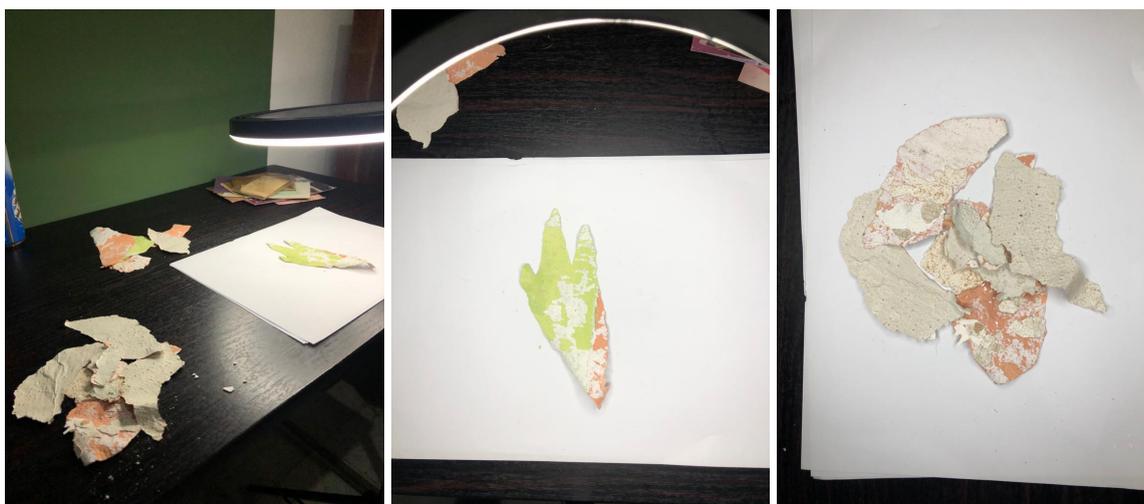
Durante o processo de montagem, analisei que poderia realizar interferências nas pranchetas com os recortes de imagem das fotografias das paredes e trabalhar os rebocos como elementos em destaque. Seria até interessante, pois ao invés de trabalhar com impressão com gramaturas diferenciadas, poderia usar os elementos não apenas para representar a ELA, como as próprias narrativas familiares que se degeneram ao longo da vida.

Retornei novamente à casa da Dona Zilda para literalmente arrancar os pedaços de parede da sua residência. Era uma ação de retirada de algo em degeneração para preencher algo que estava tomando vida. Com a ajuda da Mariana, minha prima, saímos despedaçando as paredes e logo em seguida tratei de digitalizar todos os materiais extraídos (Figura 31).

Figura 31 - Processo de retirada dos rebocos das paredes da casa da Dona Zilda.

Fonte: Arquivo pessoal do autor

Figura 32 - Processo de fotocópia das paredes da casa da Dona Zilda.



Fonte: Arquivo pessoal do autor

Com os materiais extraídos digitalizados, retornei a juntar as fotografias, registros e agora elementos para a montagem do fotolivro no *Illustra* (Figura 32). Realizei mesclas, juntei arquivos e elementos, até finalmente, haver uma nova versão.

Ao finalizar, tratei de marcar uma reunião com o Fernando para apresentar o que havia construído. Como seria um encontro virtual, exportei os arquivos e anexei no Miro, a mesma ferramenta que utilizei durante todo o processo, para que ele conseguisse manusear e manipular de uma forma mais fácil.

Figura 33 - 2ª versão da montagem do fotolivro.



Fonte: Arquivo pessoal do autor

Ao observar os templates, o Fernando compreendeu que haveria uma evolução da versão anterior. Apesar disso, sugeriu algumas melhorias que poderiam ser realizadas no fotolivro.

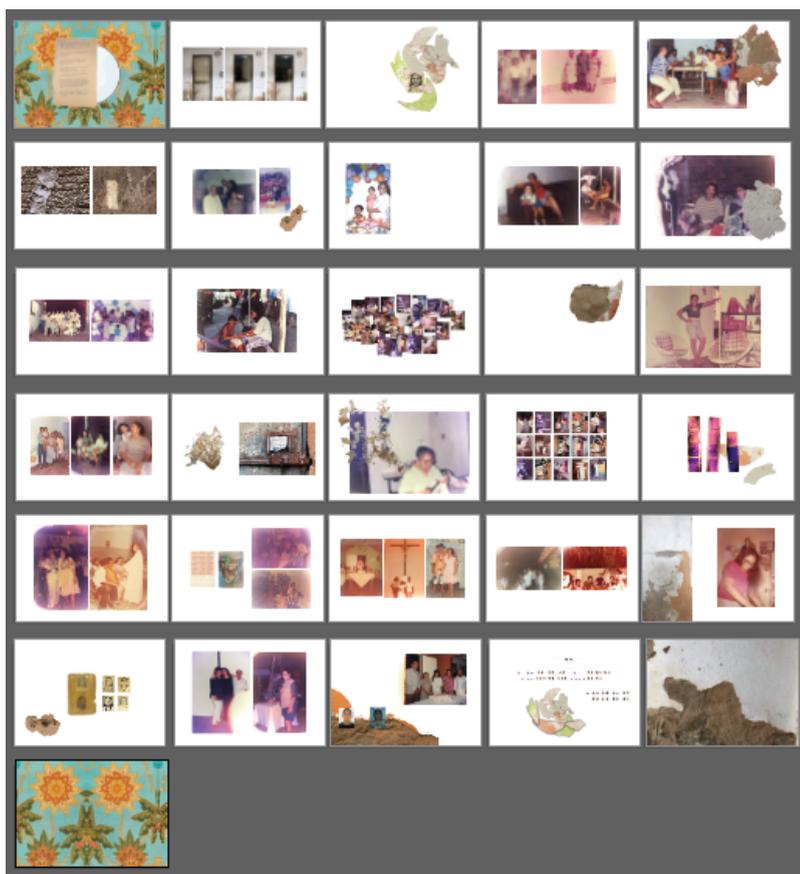
Anteriormente, compartilhei com ele que havia uma ideia de fazer uma brincadeira com o espelho, para que as pessoas que tivessem acesso ao trabalho, conseguissem se enxergar nas suas próprias narrativas familiares, apesar de não ser o propósito do trabalho. Então, ele sugeriu que fosse adicionada a carta que havia sido ponto norteador deste trabalho, porém ao analisar algumas questões no último trabalho, percebeu que haveria uma maior intensidade se essa prancheta fosse utilizada como capa (Figura 33).

Em relação às páginas que foram deixadas em branco e as que haviam apenas os elementos de rebocos, a ideia inicial era que funcionassem como respiro e que também dialogasse com o esquecimento presente nas narrativas familiares, porém o Fernando observou que deveria interferir com a escrita e deu a sugestão de usar as imagens dos próprios processos e utilizar a árvore genealógica montada durante a construção deste projeto para potencializar o trabalho.

Por fim, o último ponto a ser discutido era a questão de como realizar a capa e a costura do fotolivro. A ideia inicial do projeto seria de apresentar em caixa em papel Paraná, simulando uma gaveta, porém abria uma possibilidade de haver um custo grande para executar a ideia. Apesar disso, optamos por substituir a gaveta por uma composição de tecido.

Uma vez que a minha avó era adepta da arte da costura, fazia sentido usar o tecido que serviria não apenas para fazer alusão, mas também daria a ideia de uma vestimenta sua guardada nas gavetas. Para a costura, fazia sentido utilizar a linha de crochê, pois era algo que estava no cotidiano da minha avó. Tratei de realizar as últimas alterações e mandei a última versão para validação do Fernando (Figura 34).

Figura 34 - Última versão da montagem do fotolivro.



Fonte: Arquivo pessoal do autor

Após a validação, existia um fotolivro pronto para ser impresso. Optei por trabalhar com uma formatação A4, desde a época da diagramação, por acreditar que a impressão nessa dimensão sairia mais barato, porém ao chegar na gráfica, descobri que isso era uma inverdade.

Por conta do tempo, decidi não alterar a diagramação e trabalhar com uma gramatura que lembrasse a de um fotolivro, 260g. A unidade de impressão custou exatos R\$60,25. Para produzir a capa, precisei contar com o auxílio da minha irmã para a compra do tecido, como ela trabalha com confecção, seria a pessoa ideal. Em uma mensagem do Whatsapp, expliquei a situação de que precisava ir atrás de um tecido que lembra a nossa avó. Compartilhei uma foto que poderia ser usada como norteadora, uma dos meus últimos registros com a minha avó, que estava vestida com suas blusas típicas, com estampas (Figura 35). Dialogando durante todo o processo de compra, encontramos um tecido no valor de R\$21,00.

Figura 35 - Foto referência para a compra do tecido, à direita, comprado para o projeto.



Fonte: Arquivo pessoal do autor

Ainda sobre a produção da capa, era necessário um material com gramatura diferente da impressão. Então, optei por trabalhar com o Papel Paraná em uma loja de conveniência. Para finalizar, aproveitei para comprar cola, estilete, furador de papel e papel couchê 180g. O valor final dos produtos foi de R\$136,70. Os outros materiais que precisaria

utilizar para a montagem do fotolivro foram encontrados em minha própria residência, como o espelho.

Ao juntar os materiais necessários para a montagem, realizei alguns testes a fim de entender como faria os furos no material gráfico e como aplicaria o tecido no papel Paraná. A minha mãe me auxiliou no recorte do tecido e das capas. Por fim, depois de algumas horas de trabalho manual, o fotolivro estava finalmente pronto (Figura 36).

Figura 36 - Fotolivro impresso e finalizado manualmente



Fonte: Arquivo pessoal do autor

A construção deste projeto me possibilitou emergir em minhas memórias e apropriar-se de outras das quais nunca fiz parte. Entendo que esse trabalho artístico será interpretado a partir das subjetividades e referências de cada indivíduo. Espero que ao se deparar com esse memorial as pessoas possam não apenas se deparar com arte, mas possam sentir e refletir sobre as suas memórias e lembranças.

5. CONCLUSÃO

Nunca pensei que após a despedida da Dona Zilda, voltaria a não apenas falar sobre ela, mas reviver as suas memórias e a sua história. O convívio durante os seus últimos anos foi tão intenso e degenerativo, que existe um entendimento sobre o seu esquecimento. Depois de cinco anos da sua partida, observei que essa seria uma oportunidade oportuna para abordar de uma certa forma o processo de despedida da graduação com um momento de despedida pessoal.

O significado da entrega deste trabalho de conclusão de curso, foi de compreender que não se tratava apenas de uma experiência de conhecimento sobre o meu próprio sujeito, mas também de envolver a minha família com a universidade pública. Durante os anos acadêmicos falamos sobre a relevância de conversar com a comunidade e, observar os meus parentes participando dessa dinâmica foi entender que a função de construir uma sociedade pensante chegou de fato até a ponta.

Além disso, entender a relevância da fotografia como construtora de conhecimento e reflexão, seja através dos registros fotográficos ou do “fazer fotográfico”, e como o seu entendimento está relacionado a complexos processos na própria economia criativa, na produção de materiais, no desenvolvimento de curadorias na produção criativa. Após finalizar este projeto, concluo meus objetivos de forma parcial. Mexer em uma narrativa familiar é entender que sempre existe espaço para construir diálogos e conhecimento.

Por fim, desenvolver um produto através de um processo criativo foi entender que a sua interpretação poderá assumir distintas formas e que enquanto indivíduo subjetivo, ou melhor, enquanto neto da Dona Zilda, utilizei das minhas memórias e da apropriação de registros fotográficos para descobrir quem sou.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BUZAN, Tony. **Mapas Mentais**. Tradução de Paulo Polzonoff Jr. Rio de Janeiro: Sextante, 2009.

CAVADAS, Cláudia Manuela Soares; FONTE, Carla Alexandra Martins. **A construção narrativa da família em crianças com familiares alcoólicos: contributos de um estudo qualitativo**. Psicologia UsP, [s. l.], 2009.

DA SILVA, R. de S. **ZÉ PELINTRA: CONCEPÇÕES SOBRE A UMBANDA E O MALANDRO**. Revista Em Favor de Igualdade Racial, [S. l.], v. 3, n. 2, p. 133–145, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufac.br/index.php/RFIR/article/view/3260>. Acesso em: 5 dez. 2022.

RICOUER, Paul. **La memoria, La historia, El olvido**. Madri: Trotta, 2003.

LEONARDI, Jan Luiz; ANDERY, Maria Amalia Pie Abib; ROSSGER, Nicolas Carsten. O estudo do insight pela análise do comportamento. **Perspectivas**, São Paulo, v. 2, n. 2, p. 166-178, 2011. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2177-35482011000200003&lng=pt&nrm=iso>. acesso em 5 out. 2022.

NEGRÃO, L. N. **Umbanda: entre a cruz e a encruzilhada**. Tempo Social, [S. l.], v. 5, n. 1/2, p. 113-122, 1993. DOI: 10.1590/ts.v5i1/2.84951. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/ts/article/view/84951>. Acesso em: 13 dez. 2022.

REIS, L. **A figura da Pombagira: transgressão e empoderamento feminino**. Sacrilegens, [S. l.], v. 17, n. 1, p. 109–126, 2020. DOI: 10.34019/2237-6151.2020.v17.30810. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/sacrilegens/article/view/30810>. Acesso em: 4 dez. 2022.

Organização Pan-Americana da Saúde. **Folha informativa COVID-19 - Escritório da OPAS e da OMS no Brasil - OPAS/OMS**. Disponível em: <<http://www.paho.org/pt/covid19>>. acesso em 5 out. 2022.

"**MEU foco é viver, deixo a doença de escanteio**", conta mulher com ELA...Disponível em:

<<https://www.uol.com.br/vivabem/noticias/redacao/2021/04/11/meu-foco-e-viver-deixo-a-doenca-de-escanteio-conta-mulher-com-ela.htm>>. acesso em 20 out. 2022.

BRASIL. Ministério da Saúde.**Esclerose Lateral Amiotrófica (ELA)**. Disponível em:

<<https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/saude-de-a-a-z/e/ela#:~:text=ELA%20ou%20Esclerose%20Lateral%20Amiotr%C3%B3fica,acarreta%20em%20paralisia%20motora%20irrevers%C3%ADvel>>. acesso em 20 out. 2022.

SALLES, Cecília Almeida. **Gesto inacabado : processo de criação artística**. São Paulo: FAPESP: Annablume, 1998.

SILVA, Izabella Barbosa da. "**A minha luz é Deus e o meu relógio é o meu pensamento**" : **agência feminina, tempo e suspensão na Jurema de Mestra Paulina**. Dissertação (Mestrado em Antropologia) - Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 2019.

LUCIANOTRANCARUA. **FESTA DE COSME E DAMIÃO E TRANCA RUA LEMBRANÇA DO PASSADO #01**. Youtube, 24 jul. 2019. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=SSRCIperF_8>. acesso em 20 out. 2022.

LUCIANOTRANCARUA. **FESTA DE COSME E DAMIÃO E TRANCA RUA LEMBRANÇA DO PASSADO #02**. Youtube, 24 jul. 2019. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=oBS7bT1cXog&t=99s>>. acesso em 20 out. 2022.

LUCIANOTRANCARUA. **FESTA DE COSME E DAMIÃO E TRANCA RUA LEMBRANÇA DO PASSADO #03**. Youtube, 26 jul. 2019. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=ynzbHoRZZOA&t=2s>>. acesso em 20 out. 2022.

LUCIANOTRANCARUA. **FESTA DE COSME E DAMIÃO E TRANCA RUA LEMBRANÇA DO PASSADO #04**. Youtube, 15 ago. 2019. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=z6OZstl01us&t=1s>>. acesso em 20 out. 2022.

GUIMARÃES. Elaine. Cosme e Damião: tradição e sincretismo religioso. **Unama**

Universidade da Amazônia, 27 set. 2019. Disponível em <<https://www.unama.br/noticias/cosme-e-damiaio-tradicao-e-sincretismo-religioso#:~:text=Diferentemente%20do%20Catolicismo%2C%20no%20Candombl%C3%A9,cumprir%20promessas%20feitas%20aos%20irm%C3%A3os>>. acesso em 20 out. 2022

Hierarquia da Umbanda. **Lifestyle**, 31 out. 2014. Disponível em <<https://lifestyle.sapo.pt/astral/praticas/cultos-a-natureza/artigos/hierarquia-da-umbanda-2>>. acesso em 20 out. 2022.